



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ALBERTO REINALDO REPPOLD FILHO

(depoimento)

2004

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias
Número da entrevista: E-68
Entrevistado: Alberto Reinaldo Reppold Filho
Nascimento: Não informado
Local da entrevista: ESEF/UFRGS
Entrevistadores: Berenice Rolim
Data da entrevista: 21/06/2004
Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros
Conferência Fidelidade: Vicente Cabrera Calheiros
Copidesque: Marco de Carvalho
Pesquisa: Camile Romero / Marco de Carvalho
Fitas: (02 fitas) 68/01-A, 68/01-B e 68/02-A
Total de gravação: 80 minutos
Páginas Digitadas: 31
Catálogo: Vera Rangel
Número de registro: 01960/2008/01
Número de registro da fita: 01960/2008/01 a e b
Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo. *Alberto Reppold Filho (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

Sumário

Início do envolvimento com o esporte, com a ESEF; participação no movimento estudantil; lideranças; DA; DCE; UNE; MNEEF; ENEEF; JUGEFS; relação alunos-direção da Escola; cotidiano da Escola; perfil dos professores, dos alunos; infra-estrutura da Escola; formação pessoal; influências na sua formação; período como professor; cargos na Escola; eleições para direção; formação de grupos políticos na Escola; perfil dos funcionários; pesquisa e extensão; organização da Escola; NAU (Núcleo de Avaliação da Unidade); relações dentro da Escola.

Porto Alegre 21 de junho de 2004. Entrevista com Alberto Reinaldo Reppold Filho (Betão) a cargo da entrevistadora Berenice Rolim para o projeto ESEF 65 Anos do Centro de Memória do Esporte.

B.R. – Então, Betão, eu queria tu falasse um pouco da tua história de vida, como é que iniciou o teu envolvimento na ESEF¹?

A.F. – Meu envolvimento inicial com ESEF foi ainda quando eu fazia o curso de Engenharia Mecânica aqui na UFRGS² que eu passei a frequentar. Então tinha, naquela época, a disciplina de Prática Desportiva. Comecei a tomar contato com a Escola de Educação Física, tinha um interesse no Esporte já há bastante tempo e comecei a me motivar também de talvez fazer o vestibular para Educação Física. Naquela época a UFRGS aceitava que pudesse fazer dois cursos, cursar as duas faculdades ao mesmo tempo. Então, no ano seguinte, ingressei na Universidade, em 1979 na Engenharia Mecânica, e, em 1980, eu fiz vestibular aqui para Educação Física. Comecei a cursar as duas faculdades ao mesmo tempo e eu marcaria esse início da minha relação com a Escola de Educação Física nos anos 79, 80 com a Prática Desportiva e depois com o vestibular. Eu diria que essa minha experiência aqui, conhecendo já algumas pessoas que estudavam aqui, fazendo a Prática Desportiva que, depois, inclusive nós fazíamos jogos com o pessoal aqui da ESEF. Isso criou uma motivação para que eu viesse também a fazer o curso de Educação Física. Então eu diria que esse contato preliminar, mesmo ainda não sendo aluno da Escola de Educação Física, foi importante para depois eu resolvesse fazer o curso.

B.R. – E depois tu chegaste a terminar a Engenharia?

A.F. – Não. Eu cursei esses dois cursos dois anos, eu fazia mais a Engenharia que Educação Física e depois eu resolvi trancar o curso de Engenharia, nunca mais retornei e dei ênfase a minha formação na Educação Física mesmo. Então eu diria que, a partir de 81, segundo semestre de 81, que eu localizo mais ou menos, a minha, digamos assim, vinculação mais próxima, mais definitiva que estaria mais diretamente relacionada aquilo que hoje eu faço. Eu marcaria isso, mais ou menos, em 81, segundo semestre de 81.

¹ Escola de Educação Física - UFRGS

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

B.R. – Betão e a gente sabe, por algumas informações, que tu te envolveste com o Movimento Estudantil, será que tu podia contar para nós?

A.F. – Sim!

B.R. – Como é que era esse movimento?

A.F. – Bom! O meu envolvimento com o Movimento Estudantil começa, eu diria, inicialmente com esse meu ingresso aqui na Escola de Educação Física. O Diretório Acadêmico³ era um espaço de socialização dos estudantes na faculdade, ali nós tínhamos várias atividades. Naquela época, o Presidente do Diretório Acadêmico era o Joaquim⁴, ele, o Milton Hartmann⁵, que hoje é professor lá da Unisinos⁶. Eles que basicamente coordenavam o Diretório Acadêmico e era um período onde tinha muito aquelas questões, era durante o final do Governo Militar, início do processo de democratização. Então o Movimento Estudantil estava em ebulição eu diria assim, e, na Escola de Educação Física, ele não era tão intenso, mais o pessoal do Diretório, principalmente o Joaquim, era uma pessoa muito politizada, era um aluno, acho, diferencial no movimento Estudantil. Ele era um cara muito politizado, tinha uma visão muito interessante sobre o ponto de vista da Educação Física porque ele não ficava restrito aquela coisa mais tradicional que a gente tinha, que era das aulas aqui e tal. Ele começava a pensar a Educação Física nas relações que ela tinha já com o mundo, com as coisas que estavam acontecendo, ele era, para mim, diria assim, no meu momento inicial, um cara marcante. E ele organizava, na época também, além das atividades esportivas que tinham de integração dos estudantes, já uma preocupação com aquele trote, mais civilizado que era muito mais uma coisa de integrar o aluno, de explicar como a coisa funcionava, e também realizava exposições de arte, esquemas com música. Aquilo criou uma proximidade, eu diria, minha com o Diretório Acadêmico, mas ao módulo que o esporte era o ponto de maior socialização entre as pessoas. Então, naquele ano, teve os Jogos dos Estudantes de Educação Física realizado em Santa Maria⁷, e ali sim, eu estreitei relações com vários outros estudantes e comecei a me

³ Diretorio Acadêmico Paulo Hollerbach.

⁴ Nome sujeito a confirmação

⁵ Nome sujeito a confirmação

⁶ Universidade do Vale do Rio dos Sinos

⁷ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

constituir também como um membro, vamos dizer, daquela comunidade estudantil que não estava só dando, vindo para as aulas da ESEF, estava tentando também organizar coisas. Bom, então, a partir daí, na medida que essas pessoas também foram concluindo o curso, eram pessoas mais velhas e eu era de uma nova geração que estava entrando. Eu também acabei com a minha vinculação assumindo posições de liderança depois no movimento estudantil, comecei aprendendo com aquelas outras pessoas e também vendo coisas que eu achava que não eram por ali e tantas coisas que eu segui e coisas que eu também comecei a criar o meu próprio pensamento. Há também uma politização maior depois do Movimento Estudantil, há outras pessoas que entraram aqui na Escola de Educação Física que estavam vinculadas, principalmente naquela época, aos partidos de esquerda que estavam na Educação Física. Então começou um movimento mais de ebulição com relação a isso, as discussões políticas no movimento estudantil e eu já era uma liderança, vamos dizer assim, dessa minha história ali, não era um dos caras mais politizados do movimento, tinha pessoas mais bem politizadas do que eu, mas eu fui me constituído como uma liderança dentro da instituição. E teve um período em que o diretório acadêmico ficou meio esvaziado, o grupo que assumiu não abria o diretório. O diretório era ali onde é o xerox hoje e, nós do movimento, resolvemos abrir aquela porta e constituir um novo grupo que ia dar seqüência a coisa. Então nesse grupo, como eu fui um dos caras envolvidos e era uma boa liderança, acabei me constituindo junto com esse grupo como um novo diretório acadêmico, sem presidente naquela época. Não tinha, nós não queríamos ter presidente naquele ano porque era um espécie de um golpe, vamos dizer assim, uma tomada de poder. Não houve resistência na verdade e a gente acabou assumindo com outras pessoas e seguimos aquele ano em conjunto, era um grupo sem presidente, sem nada, era comissão e nós tentamos uma vinculação com o DCE⁸. A ESEF não tinha uma vinculação muito próxima e nós começamos a participar de algumas reuniões do DCE e depois nós descobrimos também, para nós era descobrir, era o movimento nacional, a UNE⁹ era um movimento nacional que estava também se reestruturando. Bom, mas nunca chegamos a participar efetivamente da UNE, mas nós íamos ao máximo até ali ao DCE, participar daquelas discussões de uma maneira muito tímida ainda, mas nós também, nesse meio tempo, descobrimos o Movimento Nacional de Estudantes de Educação Física¹⁰ e enviamos, pela primeira vez - eu não sei precisar exatamente, mas acredito que foi no

⁸ Diretório Central dos Estudantes

⁹ União Nacional dos Estudantes, fundada em 1937.

segundo semestre de 82 eu acho - nós enviamos pela primeira vez, um representante para o Encontro Nacional dos Estudantes de Educação Física¹¹. Daí a nossa vinculação com esse movimento nacional. Bom, nesse transcorrer do tempo, começaram a haver divergência também internas deste grupo, mais na forma de conduzir as questões, acredito que tinha um grupo talvez mais radical no sentido de buscar mudanças mais imediatas, mais profundas e eu me colocava num grupo mais moderado eu diria assim. Eu não era um cara de tanto confronto, talvez isso que me desse mais legitimidade até de não ter posições tão fortes. Até por eu não ser tão politizado como os outros, por eu ser um atleta também, dá uma certa credibilidade no meio dos estudantes. Bom, então nós precisamos de chapas diferentes para disputar o diretório acadêmico e a minha chapa acabou ganhando. Eu era presidente, o Ubiratã Gonçalves¹² era o vice presidente do diretório, o Júlio¹³ - não me recordo mais o sobrenome do Júlio - era corredor da Sogipa¹⁴ que era o tesoureiro, mais a Eneida¹⁵ era a secretaria. Então nós começamos um trabalho com o movimento estudantil, de buscar algumas coisas que nós julgávamos que eram importantes no movimento estudantil. Uma delas era acabar com esse aspecto competitivo que existia entre as Escolas de Educação Física. Os JUGE¹⁶ (Jogos dos Estudantes de Educação Física) estimulavam, criavam um clima muito competitivo entre as instituições e de distanciamento. Por um lado, eu entendo, hoje, que ele serviu para consolidar, vamos dizer, certas posições dos estudantes que, internamente, eles criavam uma identidade institucional, mas eles não criavam uma identidade de estudantes de Educação Física. Então a gente resolveu boicotar os jogos de estudantes de Educação Física, não realizá-lo. Esta foi uma das razões, eu diria assim, a necessidade de criar um clima de discutir questões, por exemplo, de formação profissional, de currículo que era uma coisa que estava muito, naquela época, em discussão. Era a reformulação do currículo dos cursos que acabou culminando com a nova legislação em 87, isso foi durante todos os anos 80 e os estudantes estavam muito preocupados com as questões do currículo. Isso era muito importante para nós. A outra coisa era quebra um pouco aquela visão puramente biológica da Educação Física, era a preocupação mais geral. Bom, a gente sentia que precisava criar um espaço, então isso foi

¹⁰ MEEF.

¹¹ ENEEF, realizado anualmente em diferentes escolas do país.

¹² Nome sujeito a confirmação.

¹³ Nome sujeito a confirmação.

¹⁴ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

um dos elementos e o outro elemento para boicotar, vamos dizer, os jogos das Escolas de Educação Física e criar um Encontro Gaúcho dos Estudantes de Educação Física. Foi a forma como nós da UFRGS, particularmente de Santa Maria, Pelotas¹⁷, mas, principalmente, a UFRGS e Pelotas entendíamos - que tinha sido eleito a FUGE que era a Federação Universitária Gaúcha de Esportes - que nós entendíamos que o processo não tinha sido um processo democrático e tal. Como a UFRGS, o DCE assumiu uma posição contrária. A FUGE e a ESEF eram o braço forte da Associação Atlética¹⁸ da UFRGS e do DCE, mais especialmente a Associação Atlética Universitária da UFRGS. A gente se confrontou com a FUGE, boicotamos os jogos, não permitimos que os jogos saíssem e criamos também o Encontro Gaúcho dos Estudantes de Educação Física. Então isso foi em 83, não saíram os jogos e saiu o primeiro Encontro Gaúcho. Esse encontro gaúcho foi organizado pelo IPA¹⁹, pela UFRGS e por Pelotas com alguma participação pequena de Santa Maria e da FEEVALE²⁰, mais representantes. Mas as forças mesmo foram IPA, nós e Pelotas e o engraçado talvez nisso é que, o IPA naquela época, tinha um único diretório acadêmico que era presidido por um fisioterapeuta. E, na realidade, esse fisioterapeuta é que deu toda a sustentação - não me recordo mais o nome dele agora - para que funcionasse no IPA. Então nós queríamos fazer um evento integrado, o IPA tinha estrutura para fazer. Eu fui o presidente, embora o evento tenha acontecido no IPA. O IPA elogiou também os estudantes que vieram de Pelotas. Como o primeiro encontro desse tipo, eu diria que muitas pessoas daquela época se constituíram depois como lideranças até no campo da Educação Física. Um é o Max Hartigler²¹ que hoje trabalha com criatividade a Educação Física, está muito vinculado a isso, é formado em artes também, em teatro, vem trazer uma outra perspectiva. O Talima, Valdemar Talima²² que hoje trabalha na prefeitura, é uma das lideranças também. Então várias dessas pessoas depois se constituíram como lideranças. O próprio Ubiratã que, era o meu vice-presidente, ele trabalha no CETE²³, é o presidente do CETE. Eu diria que o movimento estudantil de oposição, que nós tínhamos uma nova visão de educação física, preocupados com uma nova perfil de formação

¹⁶ Jogos Universitários Gaúchos de Educação Física

¹⁷ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁸ Nome sujeito a confirmação

¹⁹ Instituto Porto Alegrense – Rede Metodista de Educação do Sul

²⁰ Federação de Estabelecimento de Ensino Superior, inaugurada em 24 de março de 1970, em Novo Hamburgo/RS

²¹ Nome sujeito a confirmação.

²² Nome sujeito a confirmação.

²³ Centro Estadual de Treinamento Esportivo

profissional, de currículo e tal e de tentar ocupar um espaço, vamos dizer, dentro da educação física, nas discussões da educação física. Ele criou liderança, que hoje acabaram tão em outros locais.

B.R. – Betão, como era a relação do diretório com a direção da Escola e com os professores aqui dentro, como é que funcionava a política?

A.F. – Bom! Na época o diretor da Escola era o Alduino²⁴. Ele era uma pessoa que colocava limites nas nossas ações, colocava, vamos dizer, claramente o ponto de vista, qual era o lugar do diretório acadêmico na gestão da ESEF, mas, ao mesmo tempo, ele era receptivo com relação a várias coisas. Ele tinha uma política para a ESEF e, nessa política da ESEF, evidentemente o diretório tinha uma participação. Mas nós não definimos a política da ESEF, não era o movimento estudantil que definia a política, nós tínhamos uma participação nos órgãos representativos, mas não era uma participação muito intensa. Não por causa da direção, existiam os espaços com existem até hoje, nós não sabíamos ocupar exatamente aqueles espaços, mas tínhamos algumas representatividades e ele ofereceu, era uma relação muito civilizada, eu diria. Sempre fomos recebidos, eu não recorro de vezes que o Alduino não tenha nos recebido, íamos lá, conversávamos, ele marcava posição dura conosco às vezes. Às vezes nós conseguíamos coisas que para nós eram, vamos dizer assim, importantes na época. Uma delas era a participação nas discussões sobre currículo. Nós tínhamos espaço ali, depois se estendeu na gestão do Cassel²⁵ também. Bom, depois a outra coisa, nós tínhamos uma preocupação muito grande, era uma ruptura, vamos dizer, mais formal com o que nós chamávamos, uma espécie de autoritarismo na educação física, eram os uniformes. Então nós queríamos terminar com os uniformes da Escola de Educação Física. Existia uma discriminação sobre o corpo, as meias, os calções, o calçado, tudo tinha que ser padronizado e nós queríamos outra forma. Queríamos que nós pudessemos nos vestir como quiséssemos, na perspectiva que a gente quisesse, enaltecer as diferenças individuais, essas coisas todas. A nossa capacidade de pensar, inclusive de como vestirmos, isso seria a materialização dessa visão também, isso foi bem aceito por ele, que concordou com isso. No início, ele achava que nós deveríamos propor um uniforme. Uma relação, quer dizer que ele não definiria mais, mas nós escolheríamos, mas,

²⁴ Alduino Zílio

²⁵ Mário César Cassel.

no final, a coisa acabou desencadeando um caminho que não teve mais volta. E essa, vamos dizer, trabalhar homens e mulheres juntos na aula era algo importante que a gente começou a discutir. Não chegou a concretizar ali, concretizou mais para frente, só em 87, mas as discussões começaram em 83 já com o Alduino. Outras coisas que eram questões talvez menores de infra-estrutura, menores que eu diria, não no sentido, eram questões políticas grandes, eram questões de melhoria de locais e coisas desse tipo. Isso a gente sempre teve até do espaço do próprio diretório acadêmico, recursos do diretório acadêmico, fazer cópias gratuitas... Então eram coisas que ele oportunizou, quer dizer, foi uma relação civilizada, onde nós fomos sempre bem recebidos. Não fomos atendidos em todas as nossas coisas, havia uma política clara da instituição, do que fazer, mas nunca houve uma resistência de qualquer sentido da direção com o diretório acadêmico.

B.R. – Betão, e quanto aluno, qual era a tua visão dos professores, tu acha que os professores eram politicamente ativos ou não?

A.F. – Não, os professores não eram politicamente ativos na sua maioria, diria assim. Tinham pessoas individualmente ativas, politicamente. A gente poderia dizer politicamente, mas em termos de política universitária, não tanto em termos de política fora, política partidária, dessas coisas. Eu não recordo de pessoas atuando assim, até não tinha um nível de vinculação tão próximo a essas pessoas para poder saber, se fora eles tinham, mas, dentro da política universitária, sim. Há pessoas que eram ativas, por exemplo, Milton Cunha²⁶, era uma pessoa ativa no sentido de eu dizer que ele articulava dentro da instituição, com a Reitoria também. Era um pessoa que tentava fazer seus interesses valer, se articulando de diferentes formas, então ele fazia um forma de política universitária. O grupo, eu diria assim, não tinha, agora, pensando politicamente fora, embora não ativistas, eu não via na posição dos professores identificação com os partidos de esquerda coisas desse tipo. Até porque os partidos de esquerda começaram mais ou menos, a possibilidade de criar novos partidos, se não me engano, foi a partir dos anos 80, final dos anos 70, início dos anos 80, quando foram criados outros partidos. Mas eu diria que a tendência seria uma tendência, pelo menos nas aulas, na forma de lidar, uma tendência mais a direita ou centro direita que propriamente uma inclinação a esquerda.

B.R. – Betão, e se tu pudesses resumir o perfil do professor na época em que tu eras aluno?

A.F. – Bom, ele era um professor disciplinador, no sentido de que existia um conjunto de normas, que essas normas eram colocadas para nós e nós tínhamos que seguir. Não eram regras construídas coletivamente, eram um conjunto de valores, de costumes, de normas construídos muito a partir da tradição da educação física, muito centrado naquilo que era o papel do professor, como aquele que detém o conhecimento, detém o poder, e os professores tentavam, vamos dizer, colocar essa perspectiva para nós. Então isso eu diria que era a grande maioria, mas já existiam esforços também em outro caminho, principalmente aqueles professores que estavam realizando, tinham alguns que estavam realizando mestrado naquela época na faculdade de educação. Então tinha aquelas pedagogias não diretivas, que procuravam resgatar muito daquilo do aluno e tudo mais, e considerar o aluno como o aspecto fundamental desse processo. Tinham experiências distintas, o próprio Adroaldo²⁷, por exemplo, fazia coisas desse tipo, o Escobar²⁸ fazia um pouco de coisas desse tipo, eu acho que a Bete, a professora Bete Demis²⁹ tentava fazer um ensino mais nessa perspectiva, algumas pessoas que eu me recordo assim. O próprio Mário Brauner³⁰ tinha uma relação muito próxima dos estudantes como tem até hoje, sempre de tentar dar uma perspectiva mais paternalista, para o próprio estudante. Então essas coisas já existiam também, não existia, só um pouco, como a posição: o professor lá e o aluno aqui, de distanciamento, mas também alguns professores buscavam já uma proximidade maior, considerando os interesses, as preocupações dos estudantes. Mas predominantemente eu diria que era uma posição mais conservadora, mais centrada do professor, mais um pouco de autoridade do professor com relação ao aluno.

B.R. – Betão, e o perfil do aluno. Como era o perfil dele politicamente, economicamente, como é a tua visão disso?

A.F. - Acredito que o perfil do aluno, eu diria assim, talvez dois momentos que eu tenha identificado na ESEF: quando eu entrei na Escola de Educação Física, eu diria, grande

²⁶ Milthon José Cunha

²⁷ Adroaldo Cezar Araujo Gaya

²⁸ Coronel Acely Stroher Escobar

²⁹ Nome sujeito a confirmação.

³⁰ Mário Roberto Generosi Brauner.

parte dos meus colegas, eram pessoas de classe média baixa, pessoas que eram originariamente de famílias mais humildes e que trabalhavam muito ao longo do curso. Quase todos os caras que eu me lembro trabalhavam já, então eram pessoas de um poder aquisitivo mais baixo e que viam - acho na sua grande maioria, pelo menos aqueles que eu convivi, de escolas públicas, do perfil mais ou menos assim, que era sob o meu ponto de vista substancialmente, diferente da experiência que eu tive na engenharia, por exemplo. Quando eu fazia na engenharia que eram pessoas, na grande maioria de classe média alta, pessoas oriundas de escolas privadas, Anchieta³¹, Farroupilha³², eu mesmo que vinha do Champagnat³³, Rosário³⁴, eram escolas melhores, supostamente melhores, do que as escolas públicas. E depois teve uma, já avançando nos anos 80, que eu entrei em 80, então eu diria 81, 82 começa a mudar esse perfil, começam a vir mais pessoas de classe média, mais alta, procurar a educação física. Talvez estivesse a ver um pouco, com a ênfase que a educação física começou ter, de repente começaram a pintar muitas academias, coisas desse tipo. Então o perfil da pessoa que veio era um pouquinho diferente daquele anterior. Eu até localizaria a minha turma, como a turma que já dá início um pouco a isso, quer dizer, começa aparecer pessoas que eu acho com um poder aquisitivo melhor, com um outro tipo de formação, de outro tipo de escola que caracterizaria num perfil sócio econômico já diferente daquele grupo, que não precisava trabalhar o tempo todo, coisas desse tipo. Eu mesmo me incluía dentro desse grupo, eu não precisava trabalhar o tempo todo. Então ele começa a mudar o perfil o que muito hoje ainda mantém! E um pouco isso também já está mais dividida a coisa, mais não há dúvida que naqueles períodos anteriores o pessoal que vinha era poder aquisitivo mais baixo.

B.R. – Betão, e quanto ao espaço físico, o que tu tem a nos contar daquele momento?

A.F. - Bom, aconteceram mudanças substanciais do espaço físico. O nosso espaço físico... Naquela época a piscina já existia e a pista, vamos dizer assim, estava em melhores condições do que nós temos hoje. A piscina não tinha esse uso que nós temos hoje, quer

³¹ Colégio Anchieta, fundado em 13/01/1890.

³² Colégio Farroupilha, fundado em 1886.

³³ Colégio Marista Champagnat, fundado em 1920 pelos irmãos maristas.

³⁴ Colégio Marista Rosário, fundado em 1904 pelos irmãos Louis-Bernard e Ambroise-Michel.

dizer, o peixinho³⁵ que, vai dar a entrevista, era a pessoa que controlava muito o espaço. Então o nosso acesso a piscina era bem mais restrito. A pista era melhor. Bom, não existia o bar aqui, não existia, e as nossas aulas aconteciam basicamente no ginásio, lá em cima na sala de rítmica, e nós tínhamos o que nós chamávamos um coleginho, que era um antigo prédio, uma escola de madeira que ficava ali onde são as salas de aula. O prédio ali da biblioteca, ali para baixo que eram salas de aula, de madeira, com condições precaríssimas de aula, era uma antiga escola que funcionava ali que depois passou para a ESEF. Então nossas aulas teóricas, inclusive aulas de judô, funcionavam ali, eram as salas de madeira e já estavam caindo aos pedaços também, a manutenção não tinha e principalmente, quando tinha aula de judô, e tinham as quedas e tudo mais, estremecia. O bar também funcionava lá em baixo. Então eu diria que nós tínhamos uma piscina boa que, a gente não esquentava tanto a água, o peixinho mantinha aquele negócio lá, numa temperatura mínima necessária para não gastar. Então essa era a parte que eu diria que, embora as condições e o espaço fossem muito bom, o uso dela era restrito e frio. Era uma briga para entrar dentro dela. Não tínhamos sala de musculação, a pista era boa, aconteciam aulas ali e depois as aulas teóricas eram num espaço precário. Então era nesse espaço que nós tínhamos ali em baixo, mas é bem verdade que a gente não tinha muita aula teórica. Bom, aí as quadras de tênis elas eram restritas também, eram só poucas quadras, não tinham essas quadras, não sei precisar exatamente quantas eram, mas não tinha essa quantidade que nós temos hoje aí. As quadras externas existiam, tinham muitas aulas que a gente fazia, mas nas quadras externas, inclusive ginástica. Então houve um melhoria, no meu ponto de vista, muito grande nas instalações. Criação do bar, da sala de musculação, no espaço do diretório acadêmico que melhorou, a criação da sala de aula lá de baixo, depois com a biblioteca e depois a ampliação da biblioteca que aconteceu, a própria quadras de tênis que foram melhoradas. Então, se eu fosse sintetizar, eu diria que no geral... Bom, outro ginásio, ginásio II, o próprio prédio novo do LAPEX³⁶. O LAPEX funcionava aqui, muito restrito o espaço. Então houve melhoras, não há dúvida, sim, mas, em alguns espaços, acredito que piorou, como é o caso da pista, particularmente, acho que é um espaço onde piorou e penso que as quadras externas pioraram também, elas tinham... Até porque aconteciam mais aulas

³⁵ Jayme Werner dos Reis

³⁶ Laboratório de Pesquisa do Exercício, criado em 1973.

lá, até as quadras poli esportivas ali externas, elas pioraram, mas, no resto, em geral, houve uma melhoria substancial.

B.R. – Tu farias uma associação dessa piora? Aumentando as aulas teóricas e não mantendo as quadras externas, há um interesse maior da teoria bem para a prática?

A.F. - Pode ser que isso tivesse vinculado sim, acredito que a gente começou a dar atenção, deslocar um pouco o eixo. Acho que isso deve ter desempenhado um papel sim, a gente deu mais ênfase na questão teórica e a criação de espaços para aulas teóricas foi muito importante, a própria preocupação com a biblioteca já expressa isso também. Quer dizer, uma preocupação com uma formação intelectual maior do que se tinha antes e, não há dúvida, uma redução no próprio currículo da quantidade de aulas práticas. Eu poderia retratar isso, inclusive no próprio material. Acho que o nosso material hoje, no geral, para os esportes, talvez não seja mais em tanta quantidade e com tanta diversidade talvez como nós tivéssemos antes, porque antes, por exemplo: arco, aros, bastões, aquelas bolas, todos aqueles materiais para atletismo, isso era muito importante porque a prática desempenhava um papel fundamental para nós. Então a gente precisava ter quase que um material para cada duas pessoas ou quase individual e depois isso passou a assumir um papel menor, a tal ponto que várias práticas que a gente fazia naquela época, por exemplo, salto com vara, arremesso de martelo, essas coisas, acho que elas nem existem mais no nosso currículo enquanto práticas sistemáticas.

B.R. - E quanto a tua formação pessoal, conta um pouco da história da tua formação pessoal.

A.F. – Eu comecei fazendo engenharia mecânica e depois passei para a educação física. Dentro da educação física tem um ponto marcante para mim, que eu diria que foi o ponto de mudança da minha perspectiva. Eu localizo ela, particularmente numa disciplina, que para mim, acho que, de fato, representa mudança e uma disciplina que não existe no nosso currículo mais e ela chamava Seminário em Educação. Foi dada, não me lembro bem, por uma professora da educação e acho que ela nem era oferecida sistematicamente para nós, creio que ela foi muito poucas vezes oferecida e ela para mim foi marcante, porque essa professora trouxe um tipo de problemática da educação que me atendeu muito. Era uma

turma muito pequena, acho que tinha no máximo oito alunos, na maior parte não eram alunos preocupados com a educação física, eu me lembro que tinha uma colega que era psicóloga, fazia educação física também, aí ela pegou essa disciplina e ela discutiu um ponto chave que foi Paulo Freire³⁷, era a obra do Paulo Freire, tinha retornando ao Brasil ou estava retornando. Então, quer dizer, ele representava uma concepção diferente de pensar a educação e aquilo me deslocou substancialmente daquilo que eu vinha pensando em termos de esporte, de educação física para o foco da educação. E eu comecei a estudar ele com muita intensidade e gostava muito e me motivava a forma como ele via, a preocupação, a solidariedade, a paixão que ele tinha pela educação e aquele negócio me mobilizou. Fiz um trabalho para aquela disciplina e resolvi me dedicar a essa parte, a questão da educação, eu saí do foco que era treinamento, esporte, para um foco mais pedagógico e desencadeou um novo caminho, eu diria assim, na minha vida, que foi a minha proximidade com a educação e com as ciências humanas e sociais, aquilo que até hoje eu carrego. Então, através do Paulo Freire, eu diria que ele foi o cara que me iniciou, essa questão, a partir daí, eu me preocupei mais com as disciplinas da Faculdade de Educação, comecei a discutir as questões de currículo também que estavam muito presentes. Acho que foi um fator importante, inclusive para mim me mobilizar pró movimento estudantil. Depois disso, comecei a me envolver um pouco com pesquisa também, me envolvi com pesquisa com o Adroaldo, mas o Adroaldo tinha enfoque do treinamento, mas não estava interessado no treinamento, eu estava interessado na história do treinamento esportivo, na história que a gente poderia dizer do corpo, da construção do corpo, essa coisa, mas de maneira muito embrionária. Então era isso que me despertava e eu comecei a preparar alguns trabalhos para congressos ainda como estudante, ainda sobre currículo e como tinha envolvido o currículo na educação física como essa questão do treinamento, biológica, estava presente na educação física e esboçando uma crítica a essa concepção. Bom, então isso me levou a me identificar, vamos dizer assim, muito com a educação e a uma pretensão de fazer o meu mestrado na educação. Eu não vi na educação física, naquela época, onde eu poderia contemplar isso, quer dizer, onde nós tínhamos o espaço era em Santa Maria. O mestrado que existia em educação física era em Santa Maria e não se preocupavam com isso. Então desloquei o meu foco para a educação e comecei a ter contato com professores da educação física preocupados com as questões pedagógicas,

³⁷ Paulo Reglus Neves Freire

um deles era Alfredo Gomes de Faria Júnior³⁸, tinha livros de didática da educação física. Ele era professor da Faculdade de Educação, era formado em pedagogia também. Vincula algumas professoras da Faculdade de Educação, a professora Rangel³⁹, era uma que tinha essa preocupação, era professora de didática. Bom, então eu resolvi fazer a minha formação na educação que eu comecei a esboçar isso já da metade talvez do curso para frente. Optei por fazer o meu mestrado na educação e investi numa carreira acadêmica, embora eu soubesse que, vamos dizer assim, isso era uma coisa distante, um projeto distante que não ia ser fácil ingressar. Um curso de mestrado vindo da educação física para a área de educação. Então, quando eu me formei e terminei minha graduação em 1982, eu já tinha essa pretensão e, ao longo do segundo semestre de 82, desculpe de 83, não 82, 83. Quando eu terminei o meu curso foi em 83.

[FINAL DA FITA 68/01-A]

A.F. – Bom, então de fazer um mestrado na educação. E eu fui para a Federal Fluminense, no Rio de Janeiro⁴⁰ onde tinha o mestrado em educação. Tinha aqui na UFRGS também, mas o mestrado de educação da UFRGS, naquela época - para mim, olhando de fora, uma visão de estudante muito simplista, ainda assim, que está em formação - eu via a faculdade de educação aqui como um curso muito vinculado a uma concepção de educação também chamada tecnicista. E também muita a preocupação com questões metodológicas e não com uma compreensão mais social, política da educação. Acredito que, até certo ponto, isso era verdade porque essa era a visão predominante na educação na época, tanto que depois eu voltei para educação para fazer o mestrado aqui. Bom, mas eu fui fazer seleção no Rio de Janeiro, na Federal Fluminense onde tinha o Faria Júnior que, era o cara que eu dei de cara depois. Tinha outras pessoas que até hoje são expressão na área. Tinha um sociólogo chamado Luís Antônio Cunha, sociólogo da Educação, tinha a Nilda Alves que hoje, até recentemente, era presidente da Associação Nacional de Pós Graduação em Educação, era um liderança, tinha a professora Vanilda Paiva. Então tinham pessoas que eram, vamos dizer assim, com preocupações políticas de educação sociológicas, filosóficas e eu me identificava com aquilo. Então eu fiz a seleção lá e acabei sendo aprovado no Rio

³⁸ Atualmente é professor titular da Universidade Salgado de Oliveira

³⁹ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁰ Cidade Brasileira

de Janeiro, no Mestrado em Educação. Terminei a minha graduação e eu já sabia, naquela época, pelo menos lá eles permitiam que eu fizesse a seleção mesmo ainda sendo aluno e, se eu terminasse o meu curso, eu poderia ir para lá. Então eu concluí o curso naquele ano e, em março, eu fui para o Rio de Janeiro, para Niterói⁴¹, fazer o meu mestrado em educação. Entre dezembro e março eu me escrevi num curso de férias que era um curso de especialização em desportos coletivos na universidade, naquela época, o UNIDESQUE⁴², que, naquela época, se chamava Universidade do Parque de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, que hoje é o Ministério do Estado de Santa Catarina, de um curso de educação física. Lá tinha um curso de especialização e eu fui fazer esse curso em especialização em desportos coletivos. Bom, lá foi um espaço importante também porque eu tive disciplinas com alguns professores que eram daqui da ESEF só que num nível mais aprofundado. Eu tive com o Arno Black, com o próprio Escobar e tive contato com professores deles mesmos, com um cara, eu não me recordo mais o nome dele, que era um cara da área das letras que, do meu ponto de vista, era um cara brilhante. Ele trazia um outro tipo de questão e depois com o Mosqueira⁴³ que era um daqui da faculdade de educação que deu aula nesse curso de especialização, ele e o Cláudio⁴⁴ que depois foram professores aqui no nosso mestrado de educação física também. Eram pessoas da psicologia da educação com uma outra perspectiva também que eu já tinha proximidade com eles. Já tinha convidado, inclusive ele, que foi uma das pessoas que deu palestra no nosso primeiro Encontro Gaúcho de Estudantes de Educação Física. Eu consegui... Foi uma das pessoas que deu palestra lá. Então existia uma identificação dele já como uma pessoa importante e eu tive aula com essas pessoas. Isso ajudou a me preparar melhor e a refletir também sobre certas questões da educação que eram importantes e aí fui para o mestrado no Rio de Janeiro e lá eu fiz o meu primeiro semestre. Não cheguei a concluir a faculdade de educação com a Nilda Alves que era essa professora que eu sempre considerei sensacional, tinha voltado da França a pouco, do doutorado dela em educação. Tinha uma discussão de política educacional, de didática, num nível que eu não tinha tido na educação física. Então isso que era importante para mim. Aí tivemos uma greve louca naquele ano. Eu tinha uma bolsa da CAPES⁴⁵ no curso e morava numa pensão no centro de

⁴¹ Cidade Brasileira

⁴² Nome sujeito a confirmação

⁴³ Nome sujeito a confirmação

⁴⁴ Nome sujeito a confirmação

⁴⁵ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Niterói em condições precárias, era num quarto de pensão e ficava caro para mim e eu não queria pedir dinheiro para minha família. Então eu voltei para cá para esperar terminar a greve. E a educação em Porto Alegre⁴⁶... Tinham disciplinas, naquela época, que eram bimestrais ou trimestrais, eles faziam três conjuntos ou quatro conjuntos de disciplinas ao longo do ano e eram concentradas. Eu voltei para cá. Num determinado espaço, quando terminou a greve, terminou, se não me engano, em setembro, por aí ou alguma coisa desse tipo, eu não quis voltar para o Rio, eu digo: “bom, vou fazer uma disciplina”. Podia se fazer disciplinas fora do Rio de Janeiro pelo currículo e que permitia. E eu fiz duas disciplinas aqui nesse espécie, trimestre, bimestre que eles faziam. Uma disciplina, psicologia da educação, desenvolvimento, psicologia do desenvolvimento com a professora Ângela Viaggio⁴⁷ e uma de avaliação educacional. E eu achei que o meu negócio era de fato ficar aqui em Porto Alegre, era muito jovem ainda e senti um baque. A vida no Rio de Janeiro era pesada para mim, financeiramente, e também afetivamente e eu achei bom ficar aqui na educação mesmo. E fiz seleção aqui na educação no final do ano, fui aprovado e transferi, não, comecei o meu mestrado de novo aqui. Utilizei algumas coisas que eu tinha feito antes e fiz o meu mestrado em educação com a orientação do professor Tribins⁴⁸ que era um professor de orientação marxista que foi, vamos dizer assim, uma pessoa importante na minha formação, das coisas que eu estudava. Então todo o meu viés era de uma sociologia, de uma história marxista. Era por aí que eu analisava as coisas na educação. Então a minha formação foi feita ali na faculdade de educação, quando num momento político importante da faculdade de educação, quando eu chamaria assim, quando a esquerda assumiu o poder na faculdade de educação e começou a constituir um novo programa que tem repercussões até hoje na faculdade. Ele rompeu com aquele modelo mais tecnicista e uma preocupação muito mais social emergiu a partir dali, com a vinda depois dos que foram meus professores. Tomás⁴⁹ que é uma pessoa que até hoje eu admiro muito, a professora Arabela⁵⁰ que era socióloga e hoje está na sociologia, mas que era professora lá e a própria Guacira⁵¹ também. São pessoas que traziam um tipo de reflexão para a educação que eu achava muito interessante, o próprio Alceu Ferrari, que também era um sociólogo já aposentado. Então sociologia da educação contribuiu muito e

⁴⁶ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

⁴⁷ Nome sujeito a confirmação

⁴⁸ Nome sujeito a confirmação

⁴⁹ Nome sujeito a confirmação

⁵⁰ Arabela Campos Oliven

eu diria que o ponto forte ali na educação era a sociologia da educação. Não era, não tinha a história da educação, não tinha filosofia da educação, tinha um professor, o Neto⁵², trabalhava, mas não era assim o forte. O forte eram os sociólogos ou as pessoas que tinham estudado a sociologia da educação que estavam voltando do doutorado, deles o Nilton Fischer⁵³ também, que era um economista e trabalhava mais com perspectiva de uma política econômica da educação. Então esse era o foco e isso foram experiências que me construíram naquele momento. A minha dissertação de mestrado é uma espécie de um diagnóstico da educação física em Porto Alegre, mas refletindo um pouco por essa ótica que eu tentei captar com essas pessoas, mas com forte viés marxista. Bom, a partir daí, já eu comecei a trabalhar na Escola de Educação Física, claro que aí teve as influências daqui, mas em termos da minha formação, depois de lá. Eu então terminando o mestrado, dando aula aqui na ESEF, terminei o mestrado em 89, se não me engano 88, 89. Aí, em 93, eu saí para fazer o doutorado. Então nesse, anteriormente, até talvez falte um momento que seja importante marcar da minha formação que, quando eu fazia, eu terminei o curso de educação física, eu pedi reingresso na filosofia. Eu sempre tive uma preocupação filosófica e comecei fazer filosofia aqui, sempre acompanhei seminários de filosofia, principalmente, os que aconteciam no Goethe⁵⁴ que eram forte influência da filosofia alemã. Também tinha uma compreensão muito clara da filosofia a partir da filosofia alemã, dos clássicos da filosofia alemã. Não tinha uma profundidade nisso, mas tinha uma compreensão dessas pessoas, quem eram essas pessoas, o que eles desenvolviam, mas não um estudioso disso e fui fazer disciplinas lá na faculdade do instituto de filosofia. Bom, aí tive que trancar isso em função do mestrado na educação que eu não conseguia levar as duas coisas junto. Quando eu terminei o mestrado na educação, eu retomei a filosofia, pedi reingresso de novo e fui para a filosofia de novo e comecei estudar filosofia. Comecei a me preparar, quer dizer, aí eu já estava... Quando eu fui para o reingresso, alguns anos depois de terminar o mestrado, eu fui para o doutorado

B.R. – E tu já davas aula aqui na ESEF?

⁵¹ Guacira Lopes

⁵² Nome sujeito a confirmação

⁵³ Nilton Bueno Fischer

⁵⁴ O Goethe-Institut é o Instituto Cultural da República Federal da Alemanha e desempenha a sua atividade em todo o mundo.

A.F. - Sim, eu já dava, comecei a dar aula aqui em 84. Então, na filosofia, trabalhava um pouco lá com os caras, fazia poucas disciplinas porque tinha que dar aula aqui. Quando me sobrava horário, eu botava uma disciplina lá, mas, eu diria assim, eu nunca concluí, eu nunca consegui concluir nenhuma [risos]. Eu ia até onde dava e, quando apertava as coisas aqui na ESEF, eu tinha que abandonar e não conseguia concluir a disciplina. Bom, mas aquilo me enriqueceu muito e a participação nesses eventos todos, filosofia, [palavra inaudível] “parapá”. Então eu comecei a preparar para fazer o doutorado, querendo fazer um doutorado na área da filosofia. Comecei a ver possibilidades, fui fazer um estágio, um estudo em Portugal, na Universidade do Porto⁵⁵, resultado, meio esboçando aquele nosso convênio. Fiquei seis meses na Universidade do Porto, estudei para me preparar para o doutorado. Eu queria ficar mais um tempo ainda no Brasil, mas, de lá, eu optei, eu digo: “Não, é o momento de sair. Eu tenho que sair agora” e comecei a fazer contato com Universidades e a minha meta era ficar na Europa, um país de língua inglesa. Eu tentei até estudar alemão, a minha meta inicial era a Alemanha, mas aí pela deficiência da língua eu achei que não iria dar e, como eu domino o inglês e já tinha morado nos Estados Unidos quando era mais novo antes de entrar na ESEF, eu fui pela inglesa mesmo. Procurei na Inglaterra, localizei lá umas Universidades, escrevi, vi aquelas que tinham filosofia, na verdade aquelas não, só tinha uma e filosofia do esporte. Encontrei esse orientador e comecei a me comunicar com ele. Então que eu, mais ou menos, direcionei a minha questão para a filosofia, lá na filosofia do esporte, vamos dizer assim. Não era a minha preocupação de fato a filosofia do esporte, era a filosofia no seu sentido mais abrangente, mas aquilo era um caminho para mim chegar na filosofia. Então acabei indo estudar na Universidade de Leeds⁵⁶, fazendo doutorado em educação com uma ênfase no campo da epistemologia que era essa a minha preocupação principal, era dentro da filosofia a epistemologia. Então eu digo que, a minha formação, vem daí. Bom, na Inglaterra, eu diria assim, eu tive contato com uma outra forma de fazer filosofia que eu não conhecia que é a tradição Anglo-Saxônica, eu diria assim, norte-americana e britânica, com um outro tipo de preocupação, muito diferente. Isso é enriquecedor para mim também, eu me identifico muito mais com essa forma de fazer filosofia do que com os grandes temas filosóficos que eu tinha visto antes na filosofia alemã. Então eu me aproximei disso, dessa preocupação e, depois, através do meu orientador com questões vinculadas a ética e a política, a filosofia

⁵⁵ Universidade localizada na cidade do Porto em Portugal. Fundada no dia 22 de Março de 1911

⁵⁶ Universidade localizada na cidade de Leeds no Reino Unido. Fundada em 1904

política e o campo da filosofia moral ou da ética. E até hoje eu estou nesse campo. Então eu diria que a minha formação fica entre a política, a ética e a epistemologia, sem conseguir definir exatamente qual é o meu caminho, mas sempre trabalhando com essas questões.

B.R. – Betão, tu te envolvereste enquanto aluno aqui com o diretório e, trazendo um pouco mais a tua história de professor na Escola, em que órgãos, conselhos, como é que tu te envolvereste enquanto professor?

A.F. – Bom, eu tive uma participação ativa na história da ESEF, julgo pelo menos na minha auto crítica, um papel intenso em termos da vida política institucional. Então, quando eu ingressei, claramente numa forma de pensar a instituição, até influenciado na minha época do movimento estudantil e daqueles professores que eu me identificava na época que eram o Adroaldo, o Escobar, o Guimarães⁵⁷, o Cassel, o Alduíno, o professor Bugre⁵⁸ que já faleceu, o Moraes⁵⁹. Eram pessoas que eu identificava como sendo aquelas que tinham mais a ver comigo e com uma visão institucional mais a ver comigo e também alguns preconceitos que carregava, eu acho e que depois foram se amenizando ao longo do tempo, a medida que eu fui amadurecendo e muitas coisas também. De tu escutar pelo que os outros dizer, tu fazer um julgamento muito mais pelo que os outros falam, do que tu ouve falar, depois eu fui desfazendo isso. Acho, ao longo da minha história aqui, mais o meu grupo de identificação inicial era esse, é um grupo que até hoje, evidentemente, eu me encontro identificado com essas pessoas afetivamente e em grande medida também politicamente. Embora, politicamente, também tenha divergências em muitas coisas. Bom, então, quando eu ingresso em 84, ainda na especialização, eu trabalho com o Adroaldo nesse momento e eu tento organizar a especialização. Engraçado dizer isso, mas o Adroaldo, me desculpa, [risos] nunca foi modelo de organização. Até é bom esse negócio da memória, o cara pensar sobre isso e ele melhorou muito, mas ele não era um modelo de organização e isso era uma coisa que a gente sempre conversava. Ele disse “bom, então faz o seguinte cara, tu vai organizar esse programa da especialização”. Então eu organizava o programa de especialização. Eu era professor, mas tinha vinculações por ter estudado com o Adroaldo. Ele sempre foi uma pessoa que me ajudou muito na minha vida. Então eu fazia

⁵⁷ Antonio Carlos Stringhini Guimarães

⁵⁸ Bugre Ubirajara Marimon de Lucena

esse trabalho de organização na especialização junto com ele, parte burocrática. Bom, aí começa a ter interação também com aquele pessoal da especialização que era uma área que eu não conhecia. Depois, quando eu ingresso em 85 como professor substituto - naquela época professor Orista⁶⁰ que chamavam - eu começo a ter uma ação muito próxima dos estudantes. Quer dizer, os estudantes se identificavam muito comigo porque eu tinha sido colega deles. Eu era um cara novo, a recém tinha me formado, estava ali. Então eu começo a agir muito no sentido de ajudar o movimento estudantil. Na verdade eu estava muito mais identificado com os estudantes do que com os professores ainda, eu era muito mais estudante de que professor. Então a minha ação era muito mais no diretório acadêmico deles, tentar, através daquilo que eu tinha vivido, retirar alguma coisa para experiência deles. A minha ação ali e de organizar, de ajudar nos movimentos, nas coisas e, depois claro, quando vou me tornando professor mais efetivo. Eu vou exercendo uma função maior na vida política da instituição, até primeiro com a minha proximidade com os estudantes, depois com a minha independência já desse próprio grupo que eu tinha. Quer dizer, num primeiro momento eu sou meio que atrelado a esse grupo, num segundo momento, eu diria que eu adquiro uma autonomia política e uma autonomia intelectual, vamos dizer, para poder pensar tanto em educação física como pensar o mundo e a vida política a partir daquilo que eu julgo e não tanto pelo julgamento dos outros. Então eu adquiri a minha autonomia de pensar, o Adroaldo, o Guimarães, o Cassel e eu vou me constituindo também como uma liderança, junto a eles, pelo aquilo que eu também passo a contribuir. Então não só sugar aquilo que eles poderiam me passar da experiência deles, mas por eu também ter posições divergentes. Bom, eu diria que, uma das primeiras ações minhas mais forte nesse sentido, tenha sido dentro da comissão de graduação, naquela época, comissão de carreira, junto com o Alduino. O Alduino era o presidente da comissão de carreira, coordenador, presidente como era chamado. E eu era um membro e, por ter uma experiência de currículo, por ter discutido todas aquelas questões, eu começo a exercer um papel também e também começo a participar dos órgãos colegiados do Conselho Departamental da Congregação e também do departamento. Mas acredito que, o meu papel mais forte, foi dentro da congregação, na nossa luta política contra o que nós considerávamos, na época, a nossa condição, grupo de antítese, que eram o De Rose⁶¹, o

⁵⁹ Luis Fernando Ribeiro Moraes

⁶⁰ Nome sujeito a confirmação.

⁶¹ Eduardo Henrique De Rose

Carioca⁶², pessoas que tinham uma visão diferente da nossa, eu diria assim, que tocavam da mesma maneira, diferente daquela que nós gostaríamos de tocar. Então, ali dentro da congregação, é que eu tenho a maior participação nos debates e na configuração, eu diria, de uma nova conjuntura. Grande parte dessas pessoas não estavam mais aqui. Eu era, talvez, eu, o Ricardo. O Adroaldo não estava, o Guimarães não estava, o Mário Brauner não estava, o Cassel já tinha se aposentado, se não me engano, só tinha... O Cassel ainda não tinha se aposentado, mas o Alduino sim. Então éramos eu e o Ricardo⁶³ e começamos a constituir um novo grupo também, que começou a se juntar o Molina⁶⁴, o Stigger⁶⁵, a Marta Risteler⁶⁶, quantas pessoas, o próprio Clésio⁶⁷, acho que, em dado momento, outras pessoas que começaram a ingressar na faculdade e que tinham uma outra visão de educação física e que, de alguma maneira, se identificavam também com isso. Então a questão era de configurar a ESEF de uma outra maneira. A congregação... Eu era o único representante desse grupo da congregação! Eu tinha que configurar um formato, vamos dizer assim, de instituição que seria definido ali na congregação. Então a luta pelo poder político, pelas eleições foi ali, eu poderia dizer. Ali eu pude desempenhar o papel mais forte em termos de fazer um formato de eleição que nós pudéssemos ganhar. Nós sabíamos que a eleição contra o De Rose que, era uma liderança, que é uma pessoa que representa uma atividade mundial já na época, conhecido mundialmente - o De Rose era um cara muito forte - e nós tínhamos que nos defrontar com ele. Se fosse numa eleição direta, só com o De Rose, nós nunca ganharíamos. O Ricardo como candidato não tinha o potencial, primeiro acadêmico que o De Rose tinha, pelo menos enquanto imagem disso, e, tão pouco, no poder discursivo que o De Rose tinha. Ele era um cara com uma capacidade de articulação de pensamento, de falar publicamente, que nós não tínhamos ninguém que chegasse perto. Nós não poderíamos nesse confronto, um confronto direto. Então nós começamos a esperar as fragilidades do grupo que era o isolamento de algumas pessoas que pertenciam ao grupo inicialmente do De Rose. Começavam dentro da instituição, desgostosos talvez com a forma e que pelo tratamento ético que, pelo menos creio, que nós tínhamos com eles, os professores, até de dar suporte a eles, em coisas que nós achávamos que de fato estavam erradas. Então as pessoas começavam também a se vincular mais. Aí a

⁶² Paulo Gilberto de Oliveira

⁶³ Ricardo Demétrio de Souza Petersen

⁶⁴ Vicente Molina Neto

⁶⁵ Marco Paulo Stigger

⁶⁶ Martha Maria Ratenieks Roessler

disputa pessoal não podia ser. A nossa proposta era de chapas de seis pessoas porque a adesão eram de seis pessoas naquela época, que nós sabíamos que não seria aprovado e a estratégia era então duas pessoas, o diretor e um vice. Nos joga com a perspectiva de que não haveria um vice para disputar conosco, direção e vice junto, e, no confronto dali, talvez, na análise política da situação, o De Rose já tivesse, nem quisesse mais continuar no diretório. Não sei, é difícil avaliar, mas acabou passando na congregação por uma insistência permanente, por uma enchesão de saco. Eu vou te dizer, nós tivemos que fazer concessão de ambos os lados, chegamos a dupla e, quando chegou a dupla, eu entendi, particularmente pode ser uma visão equivocada a minha, que nós tínhamos ganho, que nós tínhamos já configurado as relações necessárias para chegar no poder. Eu achava que eles não tinham, que eles não conseguiam compor esse modelo junto com uma série de ações com essas pessoas que estavam sendo isoladas dentro do sistema, por descontentamento, mais o nosso grupo político, mais os estudantes, que achavam que estavam fechados conosco. Nós configuramos um grupo político que tomou o poder e acredito que foi o grupo que se constituiu. Coletivamente, ele teve professores e funcionários que participaram desse grupo, participou o Beto⁶⁸, o Ronei⁶⁹. O Stigger na época, se não me engano, era técnico ainda. Participou o Cláudio⁷⁰, participaram técnicos, participaram estudantes e participaram professores e nós tínhamos um projeto que era um projeto coletivo de instituição. E esse talvez tenha sido, na minha experiência particular, a experiência mais rica política que eu pude participar na minha trajetória da ESEF, foi a constituição desse grupo para configurar a ESEF de outra maneira. Bom, acho quando então nós... Só teve esse grupo que foi para as eleições. Esse grupo então acabou se caracterizando no poder. Eu diria que a minha participação junto com outros no poder, o Stigger naquela época, já também no grupo, não me lembro, se como professor ou como técnico, acho que como técnico, o Stigger, o próprio Betinho, o Cláudio, essas pessoas foram chaves nessa reconfiguração do poder. E depois eu me afastei para o doutorado e voltei depois muito mais, eu diria assim, pensando pela minha própria cabeça do que antes. E tentando configurar uma nova forma também e muitas idéias diferentes daquelas que eu tinha de cunho político e isso me levou a uma série de atritos, tanto que eu assumi a comissão de graduação depois e, dentro da comissão de graduação, implementar uma

⁶⁷ Clésio José dos Santos Gonçalves

⁶⁸ Alberto Ramos Bischoff, conhecido como “betinho”

⁶⁹ Ronei Silveira Pinto

⁷⁰ Nome sujeito a confirmação.

política de graduação que mexeria com todos os interesses possíveis, inclusive do meu próprio grupo político. Então foi uma posição mais independente minha, mas eu contei com o apoio de gente de todos os setores e tive resistência de todos os setores, contei com pessoas que não eram do meu grupo político e tive resistência dos que eram do meu grupo político e também ao contrário. Então eu diria que a comissão de graduação, no meu ponto de vista, foi o papel chave, o elemento chave também, reconfigurar outras coisas. A partir dali, dá uma outra definição do que seria isso, mexeu com carga horária de professor, regime de professores, instalações, com um monte de coisa. A partir daí... Bom, eu tive um último momento político de ruptura que seriam as rupturas internas desse próprio grupo, que foi o grupo que levou a primeira gestão do Ricardo, que depois nós tivemos dificuldades de trabalhar juntos. Eu identificaria aí a cultura africana que é uma coisa pré-histórica, acho super importante e todo mundo sabe que a história teve alguns conflitos por questões, talvez, políticas e outras até talvez que transpasssem o campo da política! Eu vejo fotos com o Molina e o Stigger que eram amigos de longa data e parceiros políticos de longa data, que nós tivemos diferenças políticas e hoje não há dúvidas, eu diria assim, que nós temos dentro daquele grupo inicial, diferentes projetos institucionais. Politicamente, eu me inclino mais para o grupo que hoje é liderado pelo Ricardo, como diretor, mas diria que, de forma alguma, compartilho com várias das coisas que são realizadas. Tenho a minha divergência sobre as coisas e tenho as minhas críticas também. Acho que a minha participação na ESEF, ao longo desses anos, foi intensa politicamente, desde estudante em todas essas articulações necessárias para construir a ESEF, para consolidar o poder de alguns grupos etc. E continuo isso dentro do próprio mestrado. Quer dizer, dentro do mestrado acho que sempre fizemos uma gestão mais coletiva, acho que na ESEF essa é uma das críticas que eu teria hoje, nessa gestão. E aí estou plenamente de acordo, pessoalmente com o Stigger, acho que ele representa uma das vozes mais críticas com relação hoje, do nosso antigo grupo político ao Ricardo. Acho que muitos pontos, com toda razão, acho que nós temos que buscar uma gestão que fosse uma gestão que envolvesse mais a instituição. Acho que isso estamos longe de fazer. Então diria que, o nosso projeto inicial, não foi realizado, nós nos perdemos ao longo do caminho desse projeto, numa gestão mais participativa, mais democrática, com mais envolvimento de todos os setores. Não é mais politizada, inclusive, isso acredito que é a culminância, vamos dizer, política dessa trajetória que é o momento de hoje.

B.R. – E quanto ao perfil do funcionário, qual é a tua visão no passado, a tua visão hoje, como é que tu vês os funcionários da ESEF?

A.F. - Bom, consigo identificar, vamos dizer... Mas é uma perspectiva de fato individual, não estaria podendo analisar muito bem esse ponto. De fato uma coisa muito pessoal, acho que o momento que eu senti pelo menos, a participação mais efetiva política, não é a minha vivência da ESEF. Ela teria começado nesse grupo político que envolveu a mudança de poder, ela precede a gestão do Ricardo. Essa gestão só foi possível, no meu ponto de vista, chegada, porque isso já vinha sendo trabalhado, de alguma maneira anteriormente, mas, como eu digo, talvez existisse a história, não começa comigo, quer dizer, eu que consigo visualizar a história.

B.R. – O processo.

A.F. – É, o processo. Então, quer dizer, consigo visualizar uma participação política mais ativa a partir dali. Acho que ali abre um caminho importante para uma discussão num nível muito equilibrado, de todos poderem dizer aquilo que pensam e com altos e baixos. Acho que alguns momentos e aí é o grande ponto que creio, que atrapalha e que, como não é criado espaço a distância para essa discussão, essas vozes ficam mais abafadas. Então diria, há discussão política, do meu ponto de vista, acho que houve amadurecimento político dos funcionários pelo que vejo certas iniciativas, só que elas ficam em alguns momentos abafadas. Acho que vocês não tem constituindo [risos], digo vocês aqui na entrevista, os técnicos administrativos, mas os técnicos administrativos, talvez de mecanismos de pressão para se fazer escutar mais do que tem sido escutado. Então acho que cabe um pouco a criação desse espaço por parte da própria direção, de criar esses espaços para isso, mas, ao mesmo tempo, da necessidade dos próprios técnicos exercerem força, pressão e instâncias para que isso venha acontecer. Mas acho que há uma politização muito maior dessa discussão e há um crescimento além da consciência política. Acho que é da competência técnica também, acho até tu mesmo Bere, é um próprio exemplo disso. Quer dizer, da tua formação, tu fizeste uma formação de nível superior, várias pessoas fizeram essa formação, tem feito cursos, claro, isso pode ser melhorado ainda muito, mas acho que há uma melhoria na competência técnica! Dos tipos de tarefa que foram exigidos e da melhoria que houve, acho que tem muita coisa para gente trabalhar nisso também, acho que uma

desmobilização mais recente talvez por... Certo descontentamento ou por uma insatisfação ou uma frustração, talvez fosse a melhor palavra, e acho que frustração retrataria melhor isso com aquilo que seria o projeto institucional de todas as crenças e convicções que a gente teria colocado ali, e da não realização desse projeto. Então acho que isso afeta também a motivação, a forma de lidar as relações e que acho que isso precisa ser trabalhado.

B.R. - Betão, eu queria que tu falasses um pouco da tua participação em pesquisa, ensino, extensão, como é que tu viste surgir essas atividades aqui na Escola, como é que tu enxergas hoje?

A.F. – Bom, diria assim, acho que tem também, identifico, pelo menos assim, acho em três momentos na ESEF, rapidamente pensando, uma reflexão mais detalhada, três momentos: um momento do LAPEX, quando o LAPEX funcionava aqui, onde existia um grupo de pessoas lideradas pelo De Rose. Que era o De Rose o Jorge Pinto Ribeiro, depois o Guimarães, o Ricardo, o próprio Adroaldo, o Biazus⁷¹ também, que realizavam estudos aqui e que tinham uma expressão que acho razoável para aquele momento. Quer dizer, o De Rose, o Jorge Pinto Ribeiro, o Guima, todos esses que falei, com exceção talvez do Adroaldo e do Biazus. Acredito que até o Biazus também, nesse período publicavam em revistas nacionais e internacionais. Então esse é um momento da ESEF, onde não há programa de pós-graduação, de mestrado, doutorado, mas existe uns cursos de especialização e existe o LAPEX. Queira ou não queira, representava na época uma referência, com pesquisas que eram feitas dentro de um modelo de pesquisa e que era um modelo aceito para aquele período. Bom, há um momento depois que devamos dizer assim, e... Desmantelamento, talvez, físico em termos de infra-estrutura e de material e de recursos humanos do LAPEX. O esvaziamento dele é uma palavra que se usava, na época, era um sucateamento, quer dizer, de materiais obsoletos, não tinha técnicos, não tinha professores com capacitação para fazer. Bom, então acho que isso foi um segundo momento, onde houve uma queda e aí, com a volta do Ricardo do doutorado, ele começa constituir alguns grupos aqui, de pesquisa, dentro do próprio LAPEX de novo. Então acho que aí começou...

[FINAL DA FITA 68/01-A]

A.F. – Bom, então, o segundo momento que eu identifico, é esse início do Ricardo, das pesquisas mais na área da aprendizagem motora, do desenvolvimento motor que começou a constituir um novo grupo. Entendo que era bastante diferente do grupo que trabalhava até então, que era mais centrado na fisiologia, na cineantropometria, naquelas coisas e, esse grupo agora, está mais na área de desenvolvimento motor, essas coisas todas. Outro momento que passo a identificar, ele vai desde a queda do LAPEX, no momento que ele decai por essa falta de material, instalações e pessoal, muita gente fazendo doutorado, o reinício que o Ricardo dá a isso. E eu diria daí, da constituição do nosso programa de mestrado. Eu vinculo muito esse início da pesquisa do Ricardo e depois aquela, a concretização do nosso programa de pós, de mestrado, daquela época que foi um esforço coletivo. Muitas pessoas estiveram envolvidas nisso, inclusive pessoas de fora que creio que marca, de fato, um outro momento da instituição. Quer dizer, a instituição agora tem um curso de mestrado e, com isso, ela tem a responsabilidade de tocar, vamos dizer assim, não só projetos individuais de pesquisa que passa a ser um projeto coletivo e, ao mesmo tempo, de formar pessoal para isso. Intitula pessoal para isso, quer dizer, era um novo desafio, acho que ali a pesquisa começa a se esboçar, uma pesquisa, eu diria assim, mais, seria mais amadurecida. Já, por outro lado, isso envolve trazer recurso para a instituição. Nós tivemos, no início, professores de outros cursos que tiveram que nos ajudar, constituir esse programa e, claro, o próprio Mosquera, como eu falei, teve conosco, o Klaus⁷² teve trabalhando junto também. Bom, então, eu diria, seria o outro momento que está mais próximo do hoje, que seria esse retorno de todas as pessoas que teriam saído para fazer seus programas, que é o caso do Guimarães, o caso do Mário, o caso do Negrine⁷³, o Beno⁷⁴, aquele pessoal todo, Molina. Vamos dizer, era aquele primeiro grupo que tinha saído e que retorna do doutorado. Então, claro, eu tinha o doutorado pronto e ele começa a constituir um mestrado mais forte que culminou com o doutorado. Então diria que essa seria uma terceira etapa talvez e acredito que nós temos trabalhado logo uma quarta etapa, de desenvolvimento da pesquisa, que seria talvez a segunda geração que incluiria o

⁷¹ Luiz Biazús

⁷² Nome sujeito a confirmação

⁷³ Airton da Silva Negrine

⁷⁴ Benno Becker Júnior

Stigger, eu, a Silvana⁷⁵, o Álvaro⁷⁶, que a segunda geração de pessoas que voltam também do doutorado e uma outra leva, Krueel⁷⁷, que, junto com esses e alguns que estavam. Vários outros depois foram afastados do programa ou se aposentaram, constitui, configuram aquilo que é o nosso programa hoje. Então o nosso programa hoje, entendo assim, principalmente nesse último ano, e já começaram isso com o Molina, na gestão dele, já na segunda gestão do Molina, uma preocupação muito maior em consolidar esse programa de pós-graduação. Já mais um programa em implementação, um programa que está acontecendo e precisa ser consolidado. Então são outros objetivos, outras metas, que, as nossas metas agora, envolve, vamos dizer, uma produção e uma qualidade muito melhor não só em quantidade, mas em qualidade dessa produção. Então diria assim, novos desafios que começam com o doutorado e com uma nova forma de gestão do pós-graduação que identifico com o início do Molina e que o Adroaldo está tentando dar seqüência. Esse grupo de professores que ficou da leva anterior mais os outros que estão chegando agora estão tentando construir. Então eu digo que já é um outro modelo, uma outra meta dentro do programa de pós-graduação. Acho que a pesquisa, se nós pegarmos os últimos vinte anos, nós avançamos enormemente. Eu penso em termos de Escola de Educação Física, na questão da pesquisa, até porque ela é bastante diversificada com professores com formação em muitas áreas, em países diferentes e também aqui no Brasil em locais diferentes. Então vejo que é um grupo cuja experiência é muito rica e que houve um aspecto importante, principalmente agora, nesses últimos períodos, de uma tolerância maior entre nós mesmos, um amadurecimento, diria não só intelectual, mas um amadurecimento nas relações. Porque eu acho que isso é importante para poder levar uma atividade que é coletiva, quer dizer, os conflitos ficaram mais reduzidos e, como nós soubemos também trabalhar melhor com esse conflitos de maneira, a canalizá-lo numa direção mais positiva e aposto muito agora nesse caminho que temos pela frente.

B.R. - E quanto à extensão?

A.F. – Eu localizo assim: a mudança substancial na extensão eu localizo no Krueel, a mudança de enfoque com relação a extensão nos primórdios da nossa extensão. Não tanto agora, mas naquilo que o Krueel representou em termos de criar uma consciência da

⁷⁵ Silvana Vilodre Goellner

⁷⁶ Álvaro Reischak de Oliveira

importância da extensão. Então acho que isso veio muito do engajamento dele nas comissões da universidade e acho que ele teve um papel muito forte nesse fato de tentar organizar a extensão, de criar uma secretaria e, claro, com o apoio da direção. Naquela época, era o Cassel e deu um suporte muito grande a isso também. Quer dizer, o Cassel também tinha essa preocupação e ele criou as perspectivas também para que o Krueel pudesse formalizar. Então acho que o Krueel foi o balizador desse método e, depois, que o engajamento dos nossos professores da extensão tem sido muito intenso. Acho que de fato tem muitos programas de extensão. Acho que houve o desenvolvimento acentuado na extensão e do papel que a extensão desempenha na ESEF. Aliás, ela tem um papel muito importante, o que acho e aí diria que até poderíamos retomar as questões anteriores desse enfoque. O que nos falta é uma política institucional de pesquisa, de extensão, uma política da pós-graduação, de graduação, nós não temos isso. Então diria que essa é uma das limitações da extensão, nós não temos uma política de extensão e depois acho que, às vezes, agente se vangloria muito da extensão que nós temos. Mas, a dimensão que a extensão assumiu na instituição, ela também indica uma fragilidade acadêmica da instituição. Até pessoas dizem que o pessoal da física não faz parte da extensão. Eles não fazem porque eles se dedicam a atividades acadêmicas, eles tem um perfil muito mais acadêmico do que nós. Então eu diria que, por um lado, o papel social da ESEF é grande, na medida que, ela desenvolve todos esses projetos, embora eu ache muito desorganizados ainda em termos de política institucional, aonde de fato nós queremos chegar com esse negócio todo, mobiliza muita energia dentro da instituição. Mas acho uma nova política, mas, ao mesmo tempo, ela indica uma fragilidade acadêmica nossa porque, grande parte desses projetos eu diria, eles não estão atrelados à pesquisa como deveriam estar. Ou eles estão ou não estão atrelados. Claro que tem uns que são exceção, mas estão atrelados a pesquisa de uma maneira muito frágil ainda.

B.R. – Betão, e tu consegue identificar o momento do início dessa extensão e o objetivo inicial?

A.F. – O início dela tchê, eu diria que é nos anos oitenta, oitenta e cinco talvez, por aí. Eu não saberia precisar Berê, mas acho que é oitenta e cinco, oitenta e seis, por aí, que começo a identificar alguns movimentos. Talvez fosse até um pouquinho depois, mas não há

⁷⁷ Luiz Fernando Martins Krueel

dúvida que, na segunda metade dos anos oitenta, oitenta e cinco, oitenta e oito, por aí, que eu começo a sentir uma mobilização nesse sentido. O objetivo inicial da extensão, tchê, eu não sei. Acho que não saberia precisar qual é esse objetivo, acho que não ficou muito claro, pelo menos para mim, esse objetivo, como acredito que até hoje também não está claro qual é o nosso objetivo da extensão de fato. E acredito que há uma possibilidade de se somar. Talvez para o Krueel estivesse claro, talvez para o Cassel estivesse claro, mas nunca fui um agente da extensão, nunca foi o meu espaço dentro da ESEF. Tive muita atividade de extensão, mas nunca foi um espaço onde tinha participado efetivamente, das discussões de formulação, dessas coisas todas. Então não saberia precisar esses objetivos.

B.R. – Betão, tu teria mais alguma coisa para colocar nos aspectos organizacionais da Escola?

A.F. – O que penso, em termos de organização, acho o momento para história, da nossa história, que nós nunca tivemos um planejamento institucional, acho isso uma coisa muito séria, uma falta de planejamento, vamos dizer assim. Quais são as metas que nós queremos atingir, quais os recursos que nós vamos mobilizar para essas metas, um diagnóstico de aonde nós estamos, para ver se nós podemos chegar nessas metas. Falta uma política institucional, um planejamento onde esses diferentes interesses, preocupações, motivações, pudessem ser canalizadas numa certa direção. Não precisa, necessariamente, irem todas na mesma direção, mas elas precisam estar orientadas na mesma direção e isso eu não sinto. Acho tão curto o reflexo a ponto desse planejamento ter um pouco a ver com a nossa falta de experiência administrativa. Nós não somos gestores, nós não temos experiência administrativa, não sabemos planejar. Tem um pouco a ver com isso aí. Tem a ver também com a falta de condições de espaços para que essa discussão possa acontecer, que as pessoas possam se engajar efetivamente nesse projeto, se identificarem com ele, intensificar seus interesses, as suas potencialidades e podermos canalizar. Então eu acredito que faltam instâncias para isso e faltam também experiências desse tipo, administrativas, para conduzir o processo nessa perspectiva. Então vai muito pela cabeça de um e de outro, ou de coisas desse tipo e acredito que, às vezes, nos falta, quando a gente tem alguns desses espaços mais públicos para discussão, um amadurecimento para poder fazer essa discussão de uma maneira, tolerar as visões diferentes e saber trabalhar com essas diferenças. Acredito que, nesse aspecto, ainda somos muito imaturos para fazer esse

tipo de discussão. Temos que fazê-la, mas precisamos também trabalhar para podermos fazer essas discussões de maneira aprofundada, mais amadurecida.

B.R. - Tu achas que a NAU⁷⁸ é uma possibilidade?

A.F. - Apostei muito na NAU no início até por isso assumi quando o Ricardo me pediu para conduzir esse processo, mas tem uma série de dificuldades que se colocam para mim. Acredito sim, pode ser o elemento fundamental nesse planejamento, pode ser identificando justamente essas coisas, apontando os caminhos que as pessoas têm visto. Ela é uma instância onde as pessoas podem colocar toda essa angústia, mas somente como da forma que ela está estruturada nesse momento. Será preciso um tempo enorme para dedicar, tanto os técnicos como nós professores. Nós não dispomos de tempo e das condições necessárias para levar isso em frente, isso é um processo que precisa se criar uma cultura da avaliação institucional, do planejamento institucional para gente poder caminhar, mas acredito que sim, a NAU é um passo importante, deve ser melhorada, aperfeiçoada. Com as conversas que tive lá também com o pessoal da Reitoria, com a secretaria da avaliação institucional, o pessoal está preocupado talvez em criar comissões mais permanentes nas unidades, não somente na Universidade, a estância maior, mas também nas unidades. Isso daria condições de fazer um trabalho mais efetivo, poder diagnosticar, planejar essas coisas todas, acho que isso é importante.

B.R. – Betão, tu tens alguma coisa que tu querias nos contar, que tu julgas importante, fugido ao roteiro, do teu julgamento?

A.F. – As questões talvez mais relevantes... Bom, talvez assim, uma das coisas que julgo muito importante e, que para mim, sempre me mobilizou muito, pensar a mim mesmo e a nós então, pessoas que estão nesse momento na ESEF, numa situação quase que com um compromisso com a nossa história. Até por isso acho muito importante o trabalho que vocês estão realizando de resgatar um pouco dessa memória. E nós podemos construir um pouco talvez da história da educação física, interpretar essas visões, extrair daí um significado maior, mas é dizer, assim, eu me sinto comprometido com a história, digo, a nossa instituição. Ela é uma das instituições mais antigas do Brasil, é a mais antiga do

Estado do Rio Grande do Sul e julgo a mais importante sob o seu ponto de vista histórico, sobre aquilo que ela conseguiu produzir na história da educação física do Rio Grande do Sul e na história brasileira sob o ponto de vista de Rio Grande do Sul. Ela é, sem sombra de dúvida, a mais importante. Nesse sentido, ela é a que tem maior peso político e teve isso em certos momentos da história. Então acredito que nós temos um compromisso com a nossa história, de como nós recebemos essa instituição, numa determinada forma. Nós temos que desenvolvê-la e deixá-la em condições melhores para aquelas pessoas que virão depois. Esse é um compromisso que transcende a nossa momentaneidade no mundo, quer dizer, o meu momento aqui na história. A ESEF continua e nós temos que entender que ela continua e nós temos que fazer o máximo para que ela possa ser melhor do que aquela ESEF que nós recebemos. Melhor sob o ponto de vista de sua capacidade de inserção na comunidade, produzir melhorias para saúde, para educação, para o desenvolvimento social e econômico eu diria assim, do papel político que ela tem que desempenhar enquanto liderança. Nós temos o dever de pensarmos a pesquisa no Brasil, de pensarmos o destino da educação física no Brasil, quer dizer, temos que ter uma política externa. Chamo isso de uma política externa na ESEF. São coisas que penso que, às vezes, perdemos essa noção, nos entendemos, às vezes, como fim da história, eu diria assim, e não como pessoas que passam e que estão aqui numa maneira de transição. Então acho que é importante resgatar um pouco desse nosso papel, daquilo que nós temos também, em deixar para os outros, daquilo que recebemos e de pensar a ESEF no seu papel estratégico, naquilo que ela tem de responsabilidade política, social, no contexto da educação física brasileira.

B.R. - Agora uma coisa que a gente não tocou muito e que eu gostaria que tu falasse um pouco, da tua relação pessoal com colegas. Como foi, como tu vê o lado pessoal da Escola?

A.F. – O meu ou das pessoas? O tu dizes assim, em geral?

B.R. - A tua visão perante as pessoas, o lado afetivo da Escola.

A.F. – Bom, diria assim, tenho momentos diferentes e acho que a Escola também tem momentos diferentes. Em alguns momentos, senti o trabalho muito integrado entre

⁷⁸ Núcleo de Avaliação da Unidade

diferentes setores ou uma união em busca dos mesmos objetivos, um clima afetivo e de relações muito positivos. Assim como senti momentos isso muito ruim. Diria que hoje nós somos o momento intermediário. Não acho que nós estejamos num momento sensacional, maravilhoso de relacionamento entre as pessoas. Acho que muitos desentendimentos que foram se acumulando ao longo do tempo, muitos desgastes que aconteceram, pessoais, políticos e de confrontos. Mas, ao mesmo tempo, acho que já tivemos pior do que nisso, já tivemos momentos em que as coisas estavam bem pior e hoje tem certo nível de relacionamento civilizado entre as pessoas, certo nível de tolerância. Acho que está num momento intermediário das relações, no caso, em um aspecto mais geral. Acredito que tive sempre boas relações no geral, não fui uma pessoa que, embora tenha tido muitos conflitos, eu guardo poucos ressentimentos, eu diria assim, dá minha experiência com as pessoas, com os estudantes, com os técnicos e com os professores. Tem algumas pessoas que eu não fecho [risos], tudo bem, mas acho que, no geral, as relações, para mim, sempre foram num nível razoável e foram num nível assim. E penso que eu poderia talvez generalizar isso para as outras também. Acho que tivemos momentos gerais de muita tensão, outras de muita fraternidade, muita relação afetiva e hoje estamos num momento intermediário.

B.R. – Então, Betão, eu não sei, por minha parte assim, acho que já esta legal, acho que a gente perguntou o que tinha para falar. Eu queria que tu contasses alguns fatos pitorescos que tu lembres, que tu tenhas vivenciado aqui na Escola.

A.F. – Pitorescos, vivenciado fatos pitorescos. É complicado, que, às vezes, a gente tem que citar o nome das pessoas dos fatos pitorescos, tchê, que acontece. Olha, acho que não sei se eu gostaria de falar Bere.

B.R. - Tem toda a liberdade. Se tu não quiseres, não tem problema.

A.F. – Estão me ocorrendo algumas coisas, não sei se tu quiseres desligar um pouquinho para eu pensar, para não ficar gastando a tua fita.

[FINAL DO DEPOIMENTO]